

## Contando histórias para adiar o fim com Krenak

*Eixo Temático:* GT 4: Desenvolvimento Rural, Agricultura Familiar, Economia Agrícola, Meio Ambiente e Sustentabilidade.

Marisa Oliveira Santos<sup>1</sup>

### 1. Referência bibliográfica.

KRENAK, Ailton. **Ideias para adiar o fim do mundo**. 2ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

### 2. Apresentação do/a autor/a da obra

Ailton Alves Lacerda Krenak, filho do povo indígena krenak, nasceu em 1953 no município de Itabirinha (MG), na região do Vale do Rio Doce, território cuja ecologia se encontra profundamente afetada pela atividade de extração de minérios. A partir da década de 1980, começou a atuar no movimento indígena. Em 1987, na Assembleia Constituinte, Ailton protagonizou uma das cenas mais marcantes em sua trajetória: em discurso na tribuna, vestido com um terno branco, pintou o rosto com tinta preta do jenipapo para protestar contra os retrocessos na luta pelos direitos dos povos originários. Em 1988, participou da fundação da *União dos Povos Indígenas*, organização que busca representar os interesses indígenas no cenário nacional. Em 1989, participou da *Aliança dos Povos da Floresta*. Dentre outras marcas de seu portfólio de vida, o escritor e ativista, recentemente tornou-se o novo Imortal da Academia Brasileira de Letras, sendo o primeiro indígena a ocupar esse lugar no Brasil, tomou posse em 5 de outubro de 2023 e ocupa a cadeira de número 5, que pertenceu a José Murilo de Carvalho. Na obra *Ideias para adiar o fim do mundo*, parte integrante dessa resenha, o escritor critica a ideia da humanidade como algo separado da natureza, inclusive questiona o conceito de humanidade e civilização. Para o escritor, é justamente nessa premissa ou na falta de reflexão da mesma que se encontra a origem do desastre socioambiental de nossa era: o antropoceno. O livro também foi publicado em inglês, alemão, holandês, italiano e espanhol.

---

<sup>1</sup> Administradora, Doutora em Memória, Linguagem e Sociedade (UESB), Mestre em Desenvolvimento Regional e Meio Ambiente (UESC), Professora Adjunta da UESB/DCSA. [momarisa@gmail.com](mailto:momarisa@gmail.com) / [marisa.oliveira@uesb.edu.br](mailto:marisa.oliveira@uesb.edu.br)

### 3. Breve síntese da obra

Essa resenha se apoiou na obra do filósofo, ambientalista e líder indígena Ailton Krenak em 2019 e tem título inicial e despretensioso, *Ideias para adiar o fim do mundo*. Em tom dialógico, seu livro é considerado por alguns críticos como uma espécie de parábola emergente dos tempos atuais. Utilizando ensaios, reflexões e didática que imprime seu tom de debate, a obra sintetiza duas conferências e uma entrevista do escritor indígena realizadas em Portugal em 2017 e 2019. Sua escrita e sua voz professam a necessidade de eco para uma humanidade consciente, que urge formação contínua frente a sua situação de ameaça e perigo, principalmente ao deparar-se com obscurantismo em que se encontra, na relação cheia de equívocos entre homem e natureza. O autor questiona o conceito de humanidade e provoca o leitor a pensar se os homens e seus coletivos construíram de fato até o presente momento o construto de civilização. Afinal, quando a ameaça do fim do mundo é realidade, não é mais um silvo, mas um estrondo de alerta que precisa dar sentido ao barulho de denúncias.

### 4. Perspectiva teórica da obra.

Em sua escrita literária não é possível afirmar categoricamente a linha teórica, embora seu posicionamento perscruta e direciona seu lado de debate diante dos ditames da sociedade capitalista. A trajetória da escrita, o amadurecimento crítico, as posturas políticas e o discurso em defesa das pautas ambientais, da humanidade e em especial dos povos originários, permitem enfatizar que sua orientação perpassa pelo pensamento crítico, pela fundamentação do materialismo-histórico, que preconizam a existência humana como uma transformação constante da natureza, base ineliminável do mundo dos homens, mas que se posiciona criticamente quando esse domínio se coloca como um recorte da história com pêndulo de exploração e explorados, intensificando as desiguais relações sociais e de produção.

### 5. Procedimentos metodológicos.

Buscando aproximar da obra *Ideias para adiar o fim do mundo*, esse gênero textual objetiva percorrer o texto, que está dividido em três partes centrais - "Ideias para adiar o fim do Mundo", "Do sonho e da terra" e "A humanidade que pensamos ser" – e por meio destas revisitar o



pensamento do autor, trazendo para o cerne da escrita dessa comunicação sua retórica, seu compromisso com a sociedade em meio aos debates emergentes e que coadunam com a sua intensa preocupação com a fissuras sociais criadas pela dissociação entre homem e natureza. Para tanto, é pelo exercício dialético e pela contradição que a resenha assume nesse sentido o compromisso de apresentar breves contribuições acerca do título escolhido.

## 6. Conteúdo.

Ailton Krenak, em tom dialógico e reflexivo, em *Ideias para adiar o fim do Mundo*, faz um convite à sociedade capitalista e ao mundo do homens<sup>2</sup> para reflexões acerca da produção da existência material no modelo capitalista de produção.

Se a opção pelo modelo de produção material da vida em vigência se perpetuar conforme as determinações da engrenagem capitalista, que vilipendia cada dia mais a condição de vida humana, pouco poderá ser feito para adiar o fim do mundo, uma vez que a dissociação entre homem e natureza, é na visão do autor a mais perigosa e legitimada origem do desastre socioambiental de nossa era. Assim sendo, o consumismo, a ausência de educação ambiental e os desastres e crimes ambientais podem levar o planeta a um fim, esse é um alerta de emergência e não mais um ensaio.

O autor visita a objetividade da escrita como traço contundente para refrear a marcha insensata da humanidade ao seu próprio abismo autoral, também suscita, enfaticamente, que na simbiose desenfreada entre homem, natureza e sociedade, logra-se por determinar um tempo de ausências. Ausências, essas, que vão criando fossos, porosidades ao sentido de viver em sociedade, ou do próprio sentido da experiência de vida.

Dessa maneira, ao perscrutar a escrita do autor, cabe ao leitor atento ao debate, perceber que a fissura criada entre homem e natureza ao longo da história, não é um construto natural, mas reflexo das determinações que advém do movimento desigual entre a força da natureza em atender as necessidades humanas, e do outro lado, a velocidade do seu uso, sem deter muitas vezes no mundo contemporâneo dimensões reflexivas e globais de compromisso com o uso indiscriminado dos recursos ambientais.

---

<sup>2</sup> Tal verbete será usado em vários momentos do texto como similitude ao verbete humanidade, não se quer nessa escrita fazer qualquer alusão de protagonismo ou destaque de gênero, assim são homens e mulheres, ou seja, coletivo social.





Essa obediência não consentida da natureza à sociedade capitalista, contudo, não patenteia que o mundo dos homens esteja submetido às mesmas leis e processos do mundo natural, e é justamente neste “equivoco” contratado, ou nessa miopia que se encontra à ameaça ao meio ambiente com certeza, mas à humanidade, sem dúvidas.

O líder indígena, enquanto escritor e ativista, vai ganhando os leitores na imersão do seu texto, quando traz a sua experiência enquanto membro de uma população intimamente e historicamente mais ligada às questões ambientais. Nesse sentido, busca retratar criticamente, como as gretas criadas entre o homem e a natureza, podem ir mutilando a própria sobrevivência dos seus autores, a tempo em conclama a discutir não somente os desafios, mas sobretudo as potenciais compreensões de problemas que persistem na contemporaneidade e que são imprescindíveis para adentrar-se numa sociedade mais justa e sustentável. Sustentável na força e na mestria da palavra, e não falácia ou apropriação indébita do ressoar sem prática.

Divido em três partes, o autor inicia seu trabalho de escrita, assumindo o título ampliado “ideias para adiar o fim do mundo. Nesse espaço, assume seu papel de defensor da natureza e dos recursos ambientais, e coloca o homem centrado na discussão e questões fundamentais que se apresentam quando o tema é ameaça da vida humana no planeta. Assim sendo, Krenak observa tais recursos como engrenagens necessárias para a produção da existência humana e dos seres vivos, porém faz a cisão ao trato desses quando os personaliza – rio, montanhas e todos demais recursos - conferindo-lhes sentido na produção da existência humana e dos demais viventes e, não meramente recursos as serem explorados até o exaurimento dos mesmos. Destarte, não os trata como coisas, mas como patrimônio da humanidade, diferente das lentes de uso atual.

A chamada modernização não instiga a pensar em movimento civilizatório. O progresso e o uso desenfreado dos recursos ambientais jogaram gente para fora do campo, da floresta para viver em favelas, periferias ou para virar força de trabalho em centros urbanos. “Somos mesmo uma humanidade? ”, provoca o autor.

O segundo momento do livro, intitulado “Do sonho e da terra”, Ailton Krenak se apropria do movimento histórico no Brasil para apontar como as práticas de intervenção no território brasileiro, sempre tiveram seu caráter predatório, excludente, e nesse contexto a máquina estatal atuou também como agente direto para desfazer as formas de organização da nossa sociedade, investindo no desmonte de modos de vida contra hegemônicos e a favor da “integração” entre essas populações e o conjunto da sociedade inteira. Nessa lógica nefasta capitalista, a mercadoria natureza ou a biodiversidade natural, bem como populações inteiras,



são considerados impeditivos diretos ou entraves para a livre comercialização de seus atributos, daí a necessidade de sua expulsão ou afastamento, e por conseguinte a desestruturação.

Persiste, portanto um colonialismo que disputa a natureza como reduto de acumulação de riqueza e apropriação para poucos, enquanto se acirram as desigualdades sócio ambientais e promove a ruptura ou a extinção do sentido da vida. O mundo dos homens acredita que tudo é mercadoria, a ponto de projetar nela tudo que somos capazes de experimentar, cita Krenak ao se reportar ao pensamento de um líder yanomami.

Por fim, a última instância do livro e nem por isso conclusiva, é um manifesto vivo, um convite a pensar o sentido de humanidade, logo intitulada “A humanidade que pensamos ser”. Nesse momento, o autor provoca a humanidade a pensar sobre si mesma e sobre o divórcio deliberado que vem acontecendo ao longo do tempo entre homem e natureza, deixando-a órfã, e que tal designo não se reflete apenas sobre os povos originários, que tem bradado sobre essa máxima, mas a todos indistintamente.

Não se pode pensar uma sociedade onde a natureza é um atributo exclusivo dos homens, pelo contrário, eles são parte, não são vítimas; são interventores e não coadjuvantes. Não se separa nada do meio ambiente, o homem é um dos filamentos dessa rede complexa, todos estão inseridos nos processos cíclicos da natureza e isso é a dependência natural e que exige vigília para continuar vivendo, enquanto humanidade. Precisa-se, portanto, encontrar filamentos e histórias para adiar o fim do que nos significa; é preciso mitigar o caos social, o desgoverno, a perda da qualidade do cotidiano, das relações sociais, reforça o autor e ainda alerta para o abismo em que está sendo lançada a humanidade e todos os demais viventes.

## 7. Considerações pessoais.

Na imersão e visitação à obra de Ailton Krenak, aprende-se que apenas rejeitando a ideia de que o ser humano é superior a outras formas de vida poderemos voltar a dar valor à nossa vida e, ao mesmo tempo, determos a possibilidade de restabelecer uma relação correta com o planeta, esse movimento outrora precisa ser breve e de atitudes incisivas, para evitar-se o desastre que não queremos presenciar e que insiste já em se antecipar. Em outras palavras, sem a convicção de que a natureza é a porta de entrada de reconstituição da vida no planeta, revisitando o sentido de humanidade e civilização, estaremos fadados ao fracasso.

Estamos entre numa fronteira, entre o abismo e a sobrevivência. De que lado ficar? Talvez o mais óbvio, seja debruçar sobre a obra do autor e replicar o que é tão lógico: a vida. Porém falta



atitude, e o tempo é regressivo, esse é o nosso divisor e há necessidade agirmos, não há tempo para “*photoshops*” do que foi burilado e retocado até o presente momento, e o que se revela hoje como fina e cruel ameaça: o direito à existência do homem e dos demais viventes.

É chegado o tempo de repetir que talvez não se tenha mais tanto tempo para adiar para tantas mudanças de comportamento e de formação de consciência coletiva. Olhando para o futuro, nos chegam imagens de uma expansão frenética produtivista e consumista que não é sustentável para a vida no planeta, e que acirram as desigualdades sociais, e que os acumuladores insistem em reproduzir. Produzimos tanto, acumulamos tanto conhecimento e ainda falamos de fome, de racismo social, da exclusão à terra e à produção e de ameaça à existência. Não seria esse o maior paradoxo dessa fotografia tem regido à humanidade? Precisamos reprimir as práticas predatórias, excludentes e colonialista da produção material da vida. Apesar dos confrontos abissais entre o capitalismo e o meio ambiente, é necessário pensar coletivamente sobre o que o que se quer para o planeta terra, ou optar-se-á pelo fim do mundo?

Por fim, parafraseando Krenak, “A minha provocação sobre adiar o fim do mundo é exatamente sempre poder contar mais uma história. Se pudermos fazer isso, estaremos adiando o fim.”. E que assim seja o (re) começo, repensando o estar da humanidade no mundo e, não o seu epílogo existencial.

